

O Futuro em Duas Línguas Românicas: Francês e Português

MARIA ELISETE ALMEIDA
(Universidade da Madeira)

Neste nosso trabalho, propomo-nos pôr em paralelo o Francês e o Português, numa perspectiva de Linguística Contrastiva, sobre um ponto que apresenta algumas dificuldades de tradução devido à diferente organização deíctica das duas línguas. Pertence à deíxis, recorde-se, tudo o que é objecto de designação, de indicação, recorrendo ou não a um apoio gestual. A palavra «deíxis» vem do verbo grego *deiknumi* que significa : «eu designo», «eu mostro», «eu indico» (recorrendo ou não ao índice). Relevam da deíxis a estruturação do espaço em próximo / médio / longínquo, a da pessoa em primeira / segunda / terceira e a do tempo em passado / presente / futuro. É precisamente esta - a deíxis temporal - que irá reter a nossa atenção, em particular, a expressão do futuro nas duas línguas, com a ressalva de que não iremos ocupar-nos aqui dum «tempo» verbal próprio das línguas ibéricas - o futuro do conjuntivo - paradoxalmente mais utilizado do que o futuro do indicativo. Não fará igualmente parte deste estudo a interpretação futura que frequentemente se dá na nossa língua ao presente do indicativo¹. Limitar-nos-emos, neste trabalho, à análise dos dois futuros do indicativo : o futuro simples, da mesma origem que o *futur simple* francês, e o futuro perifrástico que, do ponto de vista da forma, se aparenta com o chamado *futur proche*.

Note-se, porém, que falar de futuro do indicativo não é muito claro. Dizer, por um lado, que o futuro do Francês pertence ao modo indicativo e, por outro, que o indicativo «indica» aquilo que existe, é inscrever-se numa perspectiva ideológica e contraditória, dado que o futuro ainda não existe e não poderia, por conseguinte, ser descrito. Não estamos em situação de «indicar» algo inexistente.

No que diz respeito à temporalidade, será que devemos examinar o *futuro* como um tempo, uma vez que ele se refere a uma ausência de tempo, isto é, aquele que ainda não foi vivido? Não seria preferível considerar o *futuro* como um *prospectivo* ou, como diz M. Maillard, como um *projectivo*, uma forma na qual o enunciador se projecta num algures temporal que não está, necessariamente, situado no futuro, como veremos mais adiante?

Tratar-se-ia, em suma, mais dum «tiroir»² modal e aspectual do que propriamente temporal.

O futuro é sempre, mais ou menos fortemente, modalizado já que um processo que está para vir escapa, por definição, à prova da verdade. Com efeito, dum acontecimento que ainda não se produziu, não se pode dizer se ele é verdadeiro ou falso, excepto se se tratar de eventos incontornáveis, como é o caso das efemérides. Ex : *Domingo será / é o Dia da Mãe.* → *Dimanche ce sera / c' est la Fête des Mères.* Esta asserção pode ser considerada verdadeira ou falsa, uma vez que as festas do calendário já existem na escrita antes de se realizarem na realidade. O mesmo acontece com as profecias, isto é, tudo se produz nelas conforme as escrituras. É ainda o que se passa com os fenómenos cósmicos tais como as passagens dos cometas. Ex : *O cometa Halley passará próximo da Terra de tantos a tantos.* → *La comète Halley passera à proximité de la terre de telle date à telle date.*

Apesar dos esforços dos astrólogos em subjugar os acontecimentos humanos à lei dos acontecimentos celestes, os primeiros estão longe de atingirem o grau de previsibilidade dos segundos.

É, pois, necessário que o enunciador seja o garante da realização dum acontecimento que ele projecte (é o caso do futuro categórico : *Ele virá, prometo!* → *Il viendra, je promets!*) e quando isso não for possível, são concebíveis todas as nuances modais (ex : *Ele virá, talvez / provavelmente / sem dúvida / se puder...* → *Il viendra, peut-être / probablement sans doute / s' il peut...*)

No que diz respeito ao futuro francês, existem duas ideias falsas que importa erradicar. A primeira é de que o **futuro simples** traduziria um futuro mais longínquo do que o *futuro* dito *próximo*. A segunda é de que o futuro apenas nos falaria do futuro e nunca do passado.

Teremos ocasião de observar alguns contra-exemplos que vêm infirmar esta ingénua visão. Por exemplo, quando um conferencista enceta o seu discurso com um futuro simples sincrónico do início da enunciação : *Começarei a minha exposição por...* → *Je commencerai mon exposé par...* Em idêntico caso, o futuro próximo : *Vou começar a minha exposição por...* → *Je vais commencer mon exposé par...* não seria mais próximo do que o precedente.

1.1. O futuro simples pode evocar factos mais aproximados do que o futuro próximo

Da mesma forma que eu digo : *Je vais prendre ma retraite dans cinq ans*, poderei igualmente dizer : *Je vais manger dans cinq minutes*. O mesmo acontece em Português onde o futuro perifrástico é generalizado. Assim, direi : *Vou reformar-me daqui a / dentro de cinco anos e Vou comer daqui a / dentro de cinco minutos*. É, pois, abusivo apelar este «tiroir» de futuro próximo.

Em contrapartida, e paradoxalmente, eu posso muito bem utilizar um futuro simples para designar um acontecimento praticamente sincrónico da sua enunciação: *Je commencerai*

mon exposé par un rappel de certains faits connus de tous. → *Começarei a minha exposição por recordar-vos alguns factos conhecidos de todos.* Pode acrescentar-se, por vezes, por cortesia : *si vous le permettez (se me permetem)*, por exemplo. Quer ela seja expressa ou não, esta condição é quase sempre subjacente à utilização do futuro simples. Isto quer dizer que o futuro simples é, essencialmente, modal, ainda que a sua inscrição tradicional no indicativo possa ocultar esse valor. Com efeito, o que nós dizemos do futuro escapa, em princípio, à prova da verdade, logo, encontra-se modalizado por esse motivo - excepto, como já vimos, no caso das festas do calendário ou de acontecimentos cósmicos.

Aquilo que diferencia o futuro simples do futuro *próximo*, não é o maior ou menor afastamento do processo no tempo, é a parte que toma o locutor na realização desse acontecimento. Se este último só depender dele e/ou for completamente programado desde há bastante tempo, o locutor é tentado a utilizar o futuro perifrástico : *Cet été je vais passer un mois à Porto Santo.* → *Este Verão vou passar um mês ao/no Porto Santo.* A coisa pode ser decidida com muito tempo de antecedência, o importante é que o presente já está em marcha para o futuro, por exemplo, o locutor já alugou casa, já tomou as suas disposições, daí o emprego do verbo **aller** → **ir**. Já se está em movimento em direcção ao futuro, fizeram-se todas as «*démarches*» para o preparar.

Pelo contrário, quando a realização do acontecimento futuro depende da vontade de outrem, dos caprichos do tempo, dos acasos da vida, é mais natural utilizar o futuro simples, que é um *aoristo*, à semelhança do *passé simple*, e que, por esse facto, não apresenta estreita ligação com o momento da enunciação : *Pierre viendra peut-être nous voir ce soir.* → *Pedro virá, talvez, ver-nos esta noite.* - *S' il fait beau, on ira peut-être faire un tour en montagne.* → *Se estiver bom tempo, iremos, talvez, dar uma volta à montanha.*

Poderemos dizer, na 1ª pessoa - *J'irai quand je pourrai*, mais facilmente do que *Je vais y aller quand je vais pouvoir*, que, não sendo totalmente excluída, é uma construção muito mais rara do que a precedente. Dir-se-á ainda com menos incidência *J' y vais quand je peux* → *Vou quando posso*, construção que tanto em Francês como em Português assume um valor de presente frequentativo (*J' y vais chaque fois que je peux.* → *Vou sempre/todas as vezes que posso.*) e não pode receber uma interpretação futura. Isto deriva do facto de que a minha deslocação futura é submetida a uma condição que não depende unicamente de mim, mas também das minhas obrigações ou de diversas circunstâncias independentes da minha vontade. A deslocação futura já foi encarada, mas ainda não foi preparada no presente, está, por assim dizer, cortada relativamente ao presente.

Em Português, a situação é sensivelmente a mesma : *Irei quando puder* e não **Vou ir quando vou poder*. Em contrapartida, ouve-se na Madeira : *Vou ir quando puder*. Esta construção é condenada pelos puristas, dado que a norma em Português não admite a conjugação do verbo *ir* (*aller*) consigo próprio no infinito. Esta interdição não é respeitada em certas regiões da lusofonia, nomeadamente na Madeira e no Brasil, onde o futuro simples é inusitado, sem dúvida por causa da delicada posição dos clíticos, sobretudo dos mesoclíticos³.

Verifica-se, assim, que, mesmo o Português do continente, tenta favorecer cada vez mais o futuro perifrástico em detrimento do futuro simples. Para além dos verbos *ir* e *vir* que dele estão excluídos, como vimos, o futuro perifrástico acolhe quase todos os verbos correntes, em particular o verbo *chover*, cujo futuro simples - *choverá(?)* - é totalmente inusitado. Quando o francês diz com toda a naturalidade : *Demain c'est dimanche, avec un peu de chance il pleuvra*, já que a chuva é independente da vontade do enunciador, o português não conhece senão o futuro perifrástico (*Amanhã é domingo, com um pouco de sorte, vai chover*). O crescente sucesso desta forma faz com que a oposição entre um futuro programado pelo enunciador, e um futuro que não dependa dele, deixe de ter expressão linguística, salvo recorrendo ao léxico no sistema verbal do Português de hoje.

Em Francês, onde o futuro simples é ainda de uso corrente, a oposição é clara entre futuro do presente e futuro aorístico⁴.

1.2. Os dois futuros podem exprimir o passado, próximo ou longínquo

1.2.1. A utilização do futuro simples para lembrar o passado imediato

Utiliza-se, muitas vezes, o futuro simples para evocar uma expressão que acabamos de pronunciar : *Ce n'est pas un goujat, mais il est un peu négligent, dirons-nous.* → *Ele não é um grosseirão, mas é um pouco negligente, digamos / diremos...* Pode parecer um paradoxo ver um futuro ou uma forma orientada habitualmente para o futuro, utilizada aqui para lembrar um facto próximo, mas, no entanto, passado. Como explicar esse paradoxo? É verdade que esse facto não está para ser dito, já o foi, mas o que se mantém futura é a aprovação tácita do auditório que não se alcança *a priori*. Essa aprovação ainda está para vir e, por essa razão, a fórmula está sujeita a uma eventual revisão se o auditório não estiver de acordo e recusar ser implicado através da 1ª pessoa do plural, que, embora contra a sua vontade, também o engloba.

Uma vez mais o uso do futuro está, implicitamente, submetido a um *si* → *se* : «(...) dirons-nous, *si vous le permettez* naturellement» → «(...) diremos nós, *se me / mo / o permitem*, naturalmente». Nesse caso, em Francês, o futuro perifrástico **allons-nous dire*, exclui-se por completo. Porém, em Português : *vamos dizer*, ainda que não seja a forma mais esperada, não está excluída do uso, em particular na Madeira, mas também no Continente.

1.2.2. A utilização dos dois futuros para lembrar um passado remoto

Observe-se o seguinte exemplo retirado dum livro francês de História : *Nous sommes en 1940. Saint-Romain va connaître la «drôle de guerre». Pendant quatre ans, ses rues retentiront du bruit des bottes allemandes.* → *Estamos em 1940. São-Romão vai / irá conhecer a «estranha guerra». Durante quatro anos, as ruas estarão / vão estar cheias do ruído das botas alemãs.* Como o mostra o presente inicial, *nous sommes* → *estamos*, o

enunciador transporta-se, em imaginação, para um ponto do passado e convida os seus leitores a acompanhá-lo. Deslocando-se assim em pensamento, ele desloca com ele as suas coordenadas deícticas. A partir do momento em que o presente do indicativo designa um ponto do passado (presente histórico ou de narração), os acontecimentos ulteriores vão ser, com toda a naturalidade, evocados por meio de futuros.

Se o narrador tivesse escolhido um imperfeito inicial, a sequência apresentar-se-ia deste modo : *On était en 1940. Saint-Roman allait connaître la «drôle de guerre». Pendant quatre ans, ses rues retentiraient du bruit des bottes allemandes.* → *Estava-se/estávamos em 1940. São-Romão ia conhecer a «estranha guerra». Durante quatro anos, as ruas estariam cheias / iam encher-se / iriam encher-se do ruído das botas alemãs.*

Esses eventos ulteriores a um momento passado podem, portanto, ser tratados quer no futuro propriamente dito - simples ou perifrástico - quer no futuro do passado, muitas vezes confundido, erradamente, com o modo condicional⁵. Para além do facto de serem mais fáceis de conjugar, os futuros convencionais dão uma visão mais clara e mais radical dos acontecimentos do que os futuros do passado. Com efeito, o futuro do passado, tendo-se transformado, historicamente, em condicional, está hoje imbuído duma modalidade de incerteza que não serve a um contexto como o que vimos, em que os acontecimentos relatados são conhecidos de todos e não se prestam a qualquer espécie de contestação ou de dúvida.

Em Francês, as afinidades morfológicas e aspectuais que ligam o futuro simples ao passé simple facilitam grandemente a substituição dum pelo outro. Assim, *retentiront* substitui-se sem dificuldade a *retentirent*. De igual modo, num exemplo como : *En 1643, Louis XIV montait sur le trône et il y resta 72 ans*, tanto podemos utilizar, a propósito do trono, *il y resta* como *il y restera 72 ans*.

À semelhança do que acontece com o passé simple, o futuro simples, que é, já o dissemos, um *aoristo*, aceita sem dificuldade uma dupla demarcação : *Il y séjourna / séjournera de 1940 à 1945*. Esta dupla demarcação, sempre possível com o futuro gramatical, é, no entanto, pouco usual quando se trata do futuro humano, sobretudo se ele englobar um vasto período de tempo. Naturalmente que eu posso dizer - *Demain, il travaillera de 13h à 18h* - mas poderei dizer : *Il habitera à Madère de 1997 à 2006?* A menos que se seja vidente ou profeta, não se pode predizer o futuro humano com tanto tempo de antecedência. Eis a razão do carácter excepcional da dupla demarcação dos acontecimentos futuros - isto por razões mais pragmáticas do que linguísticas.

Em contrapartida, quando se trata do passado, essa operação é sempre possível de realizar e o historiador pode brincar ao vidente sem se arriscar a ser desmentido pelos factos. Incontestavelmente que esse emprego lúdico do futuro confere ao ser humano um certo prazer, em tudo semelhante àquele que se experimenta ao rever pela segunda ou terceira vez um filme interessante. Ao prazer de rever os factos, junta-se o de saborear de antemão o que vai acontecer, inclusive quando se trata de acontecimentos trágicos. Trata-se, nesse caso, do prazer catártico ligado às representações das tragédias do qual tão bem falou Aristóteles em *A Poética*.

1.3. Em jeito de conclusão

Para concluir acerca do futuro e dos outros «tiroirs», o que é claro é que os «tempos» verbais não podem, por si sós, situar um acontecimento com toda a segurança no eixo cronológico. Pode muito bem utilizar-se um «tempo do passado» para designar um acontecimento futuro e, inversamente, um «tempo do futuro» para designar um acontecimento passado. Os únicos indicadores temporais perfeitamente fiáveis não são nem os «tiroirs» verbais nem os advérbios de tempo como *maintenant* → *agora* ou *aujourd'hui* → *hoje*, também eles afectados por uma grande mobilidade temporal. Mas sim, as expressões nominais complexas como *ontem à noite* → *hier soir* ou *amanhã de manhã* → *demain matin* que, contrariamente a *ontem* → *hier* e *amanhã* → *demain*, indefinidamente extensíveis, circunscrevem um momento bem preciso, perfeitamente determinado em relação ao tempo zero da enunciação. Poder-se-á aumentar a precisão se se acrescentar a data e a hora do acontecimento - todas as indicações serão dadas através de elementos nominais. Por exemplo, no enunciado - *Demain matin, le mardi 24 août, à 10h 15, j'atterris à Madère et à 11h je suis déjà arrivé chez moi, si Dieu le veut!* → *Se Deus quiser, amanhã de manhã, terça-feira 24 de Agosto, às 10h 15, já aterrei na Madeira e às 11h já cheguei a casa*. Assim, não há a mínima hesitação quanto às coordenadas espaço-temporais do acontecimento. Devido aos fusos horários, a indicação da hora só é válida se for acompanhada da menção do lugar em causa. Mas é claro que a forma *je suis arrivé* não pode, por si só, situar um acontecimento no passado, já que se pode dizer : *Dès que je suis arrivé, je te téléphone*.

Pelo menos em Francês, cada «tiroir» verbal é capaz de aplicar-se a qualquer momento do tempo, incluindo o passé simple que é, naturalmente, a maioria das vezes, afecto ao passado, mas pode perfeitamente antecipar acontecimentos que sucedam no ano 2000 e para além dele, como acontece nos romances de ficção científica e, nomeadamente, numa obra de que se fala muito, hoje em dia, *Les Thanatonautes* de Bernard Werber (Albin Michel, 1994).

Se os complementos de circunstância são, sintacticamente, complementos secundários, desempenham um papel fundamental na situação cronológica dos acontecimentos. Ora, os circunstantes são, essencialmente, de natureza nominal. Se eu disser *À cette heure-ci il aura mangé*, toda a gente entende que o acontecimento visado é passado. Não é devido ao *futur antérieur* que eu tiro esta conclusão, mas sim ao sintagma nominal preposicional *à cette heure-ci*.

Temos, pois, sem demora, que nos desembaraçarmos da teoria aristotélica do verbo que diz ser este o único portador de tempo, enquanto que o nome seria estranho a tudo isso. O filósofo grego raciocinou na base de exemplos extremamente limitados, apesar de escolher certos tipos de nome que escapam ao tempo, como é o caso dos nomes próprios de pessoa - quando nos atribuem um nome é para toda a vida, logo, este escapa às variações temporais - e raciocinou também sobre uma forma verbal pouco móvel no tempo e, geralmente, afecta ao passado, o *perfeito*, que em Grego é um acabado do presente e, dificilmente, pode exprimir o futuro.

O mesmo se poderia dizer do perfeito português - o *pretérito perfeito composto* - que indica as marcas actuais dum acontecimento ou duma série de acontecimentos repetidos que já ocorreram. É devido a esse carácter de deixar marcas na actualidade, que o *pretérito perfeito composto* só pode referir ao passado.

Em contrapartida, o *pretérito perfeito simples*, devido às suas propriedades aorísticas, pode, em determinados contextos, um pouco como o aoristo grego, antecipar um acontecimento futuro : *Daqui a pouco tens trinta anos e ainda não acabaste o curso.* → *D'ici peu tu auras trente ans et tu n' auras toujours pas terminé ton cursus.* Extra-contexto, poder-se-ia pensar que uma forma como *acabaste* reenvia, necessariamente, para o passado, uma vez que exprime um processo acabado. Na maioria dos casos, efectivamente, uma pergunta tal como *Acabaste?* e a resposta *Acabei* dizem respeito a um passado imediato, próximo do momento zero da enunciação. **Poder-se-á perguntar se a capacidade do pretérito perfeito simples em antecipar o futuro não depende estreitamente da sua aptidão em exprimir o passado imediato.** Estas duas capacidades parecem ser solidárias - e podem encontrar-se no aoristo grego - mas são completamente estranhas ao *passé simple* que Benveniste rabaptizou, sem razão, de *aoristo*, uma vez que ele é muito diferente do aoristo grego. A incapacidade do *passé simple* em exprimir o passado imediato coaduna-se com a impossibilidade - que ele tem - em antecipar o futuro. Em Francês, esta faculdade é inerente ao *passé composé*, que tanto pode referir ao passado como ao futuro : *Je suis déjà arrivé* (passado) / *Je suis bientôt arrivé* (futuro) [*J' arrivai déjà. *J' arrivai bientôt].

Esta flexibilidade do *passé composé* que contrasta com a rigidez do *passé simple* prende-se com as recentes propriedades aorísticas conquistadas pelo *passé composé*.

Se Aristóteles tivesse escolhido um *aoristo*, não teria podido edificar a sua teoria temporal do verbo, segundo a qual há «tempos» afectos ao passado, outros ao presente e outros ao futuro. A sua própria língua, em que o *aoristo* é, semântica e cronologicamente, o «tempo indefinido», já em vida, estava em desacordo com ele. Para além disso, se em vez de escolher, como exemplo de nomes, o nome próprio Cléon, ele tivesse escolhido substantivos como : *tempo, passado, presente, futuro*, etc., não teria podido afirmar que o nome é estranho à noção de tempo. Não se pode construir toda uma teoria linguística na base de dois ou três exemplos, ainda que cuidadosamente escolhidos. Quem diz Linguística diz *corpus* e *corpus* extenso. À semelhança do que acontece, muitas vezes, com os filósofos, Aristóteles procurava, na língua, mais os argumentos para apoiar as suas ideias do que interrogar-se sobre o funcionamento dessa mesma língua enquanto sistema autónomo.

Não podemos acusá-lo de ter sido um mau gramático, já que a Gramática ainda não tinha nascido. Podemos sim acusar os gramáticos de terem repetido eternamente Aristóteles - consciente ou inconscientemente - ao passo que teriam feito melhor se tivessem escutado a língua, quer em si próprios quer nos outros. O mérito da Linguística Contrastiva é alertar-nos para fenómenos que nos teriam passado despercebidos, se continuássemos fechados na prática maquinal da nossa própria língua, que permaneceria para nós, de certa maneira, uma língua estrangeira.

NOTAS:

1. Prevemos a abordagem destes dois pontos numa próxima comunicação, prevista para o Colóquio Chronos III, a realizar em 1998, em Valenciennes.
2. Este termo foi proposto por Damourette & Pichon (1939), para designar os tempos do verbo.
3. Cf. o nosso artigo Lidil (1993a). De notar que o futuro simples francês é formado a partir do auxiliar *avoir* (haver) e reproduz o futuro perifrástico do baixo latim *servire habeo*, que está na origem do futuro simples das línguas românicas e, nomeadamente, do *servirai* francês e do *servirei* português, cujas componentes aparecem claramente na presença dum mesoclítico: *servi-lo-ei* (je le *servirai*), analiticamente: *j' ai à le servir*.
4. Esta situação lembra a do Grego moderno que conhece dois futuros, um feito sobre o tema do presente, outro feito sobre o tema do aoristo.
5. Os autores lusófonos Cunha & Cintra (1984) propõem o termo *futuro do pretérito*, seguindo assim a terminologia gramatical brasileira: veja-se, em particular, pp. 379 e 462.

BIBLIOGRAFIA:

- ADAMCZEWSKI, H. (1982). *Grammaire linguistique de l' anglais*. Paris : A. Colin, coll. «U» (1990).
- ALMEIDA, M.E. (1993a). «Pronoms, indices et clitiques en portugais et en français». In M. Maillard (éd.) *Vers une renouation de la grammaire et de sa terminologie/LIDIL 8*. Grenoble : PUG, pp. 151-167.
- ALMEIDA, M.E. (1993b). *Approche contrastive de la deixis en portugais et en français à travers la traduction de trois oeuvres d'Albert Camus, suivie d'un essai de validation des conclusions sur le terrain de l'oral à partir d'un corpus enregistré à Madère*. Thèse de doctorat, Université Stendhal - Grenoble III (4 Vols).
- ARNAULD, A. & LANCELOT, C. (1660). *Grammaire générale et raisonnée*. Paris: Republications Paulet.
- BENVENISTE, E. (1966). Les relations de temps dans le verbe français [1959], in *Problèmes de linguistique générale*, vol. I. Paris : Gallimard, pp. 237-250.
- BENVENISTE, E. (1974). *Problèmes de linguistique générale*, vol. II. Paris : Gallimard.
- BERTHONNEAU, A.-M. (1989). *Composantes linguistiques de la référence temporelle. Les compléments de temps, du lexique à l' énoncé*, Thèse d' état, Paris VII.
- COHEN, D. (1989). *L' aspect verbal*. Paris : PUF, coll. Linguistique nouvelle.
- COMRIE, B. (1981). On Reichenbach' s approach to tense, *CLS 17*, pp. 24-30.
- COMRIE, B. (1985). *Tense*. Cambridge University Press.
- CUNHA, C. & L. CINTRA (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DAMOURETTE & PICHON (1939). *Essai de grammaire de la langue française. Des mots à la pensée*, 7 volumes. Paris : d' Arthey (1968).
- DAVIDSEN-NIELSEN, N. (1988). Has English a future?. *Acta Linguistica Hafniensia 21*, pp. 5-20.

- FUCHS, C. & LÉONARD, A.-M. (1979). *Vers une théorie des aspects*. Paris : Mouton.
- GUILLAUME, G. (1929). *Temps et verbe. Théorie des aspects, des modes et des temps*. Paris : Champion.
- GREVISSE, M. (1988). *Le Bon usage*. Paris/Gembloux : Duculot, 12^e éd. refondue par A. GOOSE.
- IMBS, P. (1960). *L'emploi des temps verbaux en français moderne. Essai de grammaire descriptive*. Paris : Klincksieck.
- LAROCHE, J. (1980). *Le langage et la réalité II. L'emploi des formes de l'indicatif en français*. München : Fink.
- MAILLARD, M. (1989b). «Temps et aspect : un atelier socratique». In A.M. Jaussaud & J. Pétrissans (éds) *Grammaire et Français Langue Etrangère*. Actes du colloque ANEFLE, 17-18 nov. (1989). Université Stendhal - Grenoble III : Centre de Didactique du Français. Josée Colin, pp. 91-118.
- MAILLARD, M. (1995). «La conception métagrammienne du temps verbal», à paraître in C. Vetteers (éd.) *Temps et aspect* (= n^o thématique de la revue *Le langage et l'homme*). Extraits du 1er Colloque Chronos tenu à Dunkerque, 16,17,18 novembre 1995.
- MIRA MATEUS, M.H., BRITO, A.M., DUARTE, I. & HUB FARIA, I. (1989). *Grammática da língua portuguesa*. Lisboa : Editorial Caminho (1992).
- NUNES, J.J. (1989). *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa : Clássica Editora (9^a ed.).
- PRIOR, A. (1967). *Past, present and future*. Oxford University Press.
- REICHENBACH, H. (1947). *Elements of Symbolic Logic*. New York : Free Press [1966].
- RIEGEL, M., PELLAT, J.-C. & RIOUL, R. (1994). *Grammaire méthodique du français*. Paris : PUF.
- SABELLI-BIAGINI, E. (1972). Aujourd' hui et demain. «L' étranger» d' Albert Camus : lecture du jeu temporel, *Lingua e stile* 7, pp 377-390.
- SERBAT, G. (1988). Le prétendu «présent» de l'indicatif : une forme non-déictique du verbe, in *l'Information Grammaticale* 38, pp. 32-36.
- VET, C. (1980). *Temps, aspects et adverbess de temps en français contemporain*. Genève : Droz.
- VET, C. (1984). Is there any hope for the «future», *Linguistics in the Netherlands*, pp. 189-196.
- VET, C. (1985). Univers de discours et univers d' énonciation : les temps du passé et du futur. *Langue Française* 67 , pp. 38-58.
- VET, C. (1994). Future tense and discourse representation, in C. Vet & C. Vetteers (eds). *Tense and aspect in Discourse*. Berlin : Mouton - De Gruyter, pp. 49-76.
- VETTERS, C. (1996) : *Temps, aspect et narration*. Amsterdam - Atlanta : Éditions Rodopi B. V., pp. 1-75.

- VIKNER, S. (1985). Reichenbach revisited : one, two, or three temporal relations?. *Acta Linguistica Hafniensia* 19.2, pp. 81-98.
- WEINRICH, H. (1964). *Tempus*. Stuttgart : Verlag W. Kohlhammer. Trad. fr. *Le Temps*. Paris : Seuil (1973).